

UM BREVE ESTUDO DAS FÓRMULAS NO ESCRITO DE MIQUEIAS 2, 1-5

Samuel de Freitas Salgado¹

Resumo:

O escrito de Miqueias 2,1-5 apresenta algumas antigas fórmulas literárias. Nesse breve estudo, abordaremos acerca delas, bem como sua origem e evolução. Além disso, examinaremos em que sentido elas foram incorporadas no material, isto é, se o texto simplesmente as assimila em seu sentido corrente ou se as emprega em algum sentido diferente ou inovador. Para isso, faremos uso da crítica da tradição que tem como objetivo acercar-se da origem de uma tradição, descrevendo sua evolução e as transformações que sofreu no curso de sua transmissão.

Palavras-Chave: Miqueias, fórmula, profeta, Bíblia, Antigo Testamento, oráculo, lamentação

Abstract:

The writing of Micah 2.1-5 presents some ancient literary formulas. In this brief study we will discuss about them and their origin and evolution in the OT. In addition, we will examine in what way they were incorporated into the material, i.e., the text simply assimilates them in their ordinary meaning or whether employs somewhere different or innovative sense. For this, we use the tradition criticism whose function is to approach the origin of a tradition, describing its evolution and transformations it has undergone in the course of its transmission.

Keywords: Micah, Formula, Prophet, Bible, Old Testament, Oracle, Mourning

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

1. Fórmula: sua definição

As fórmulas podem ser definidas como conjuntos de palavras ou expressões comuns, cujo tamanho não excede ao de uma frase e cujo emprego pode ser constatado em diferentes textos bíblicos.² Elas designam motivos e ideias avulsas dentro do texto. Na pesquisa, o estudo de tais fórmulas denomina-se “análise histórico-traditiva”.³ Munidos de tal conceito pretendemos nos acercar da origem da tradição, descrevendo sua evolução e as transformações sofridas no curso de sua transmissão. Por meio disso, procuraremos ir além dos dados escritos, tentando chegar ao período da transmissão oral das fórmulas em Miqueias 2,1-5.⁴

2. As diversas fórmulas no texto de Miqueias 2, 1-5

A primeira fórmula encontra-se na abertura do v. 1, ou seja, o termo *הֵי* *hôy* “ai”. Tal expressão atua como interjeição, cujo emprego serve para expressar compaixão, dor e ameaça. De acordo com Richard J. Clifford, o termo *הֵי* *hôy* “ai”, aparece 53 vezes em passagens do Antigo Testamento, sendo que oito delas se referem ao grito de lamentação fúnebre (cf. 1Rs 13,30; Am 5,16; Jr 22,18; 34,5), quatro ao chamado à atenção (cf. Is 55,1; Zc 2,10.11) e a grande maioria, 41 vezes, ocorre como chamada ao lamento ao introduzir anúncios de desgraça.⁵ No escrito de Miqueias a fórmula aparece uma única vez, ou seja, no texto ora estudado.

A busca pela localização da origem dessa fórmula provoca alguns questionamentos acerca de sua procedência. Um deles gira em torno da correlação entre os termos *הֵי* *hôy* e *הֵי* *ôy*, ambos traduzidos pela interjeição “ai”. Na verdade, os contextos em que aparecem os termos *הֵי* *hôy* e *הֵי* *ôy* são frequentemente similares, se

² Douglas Stuart, *Old Testament Exegesis: A Handbook for Students and Pastors*, Louisville, Westminster John Knox Press, 2009, p. 123.

³ Uwe Wegner, *Exegese do novo testamento: manual de metodologia*, São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulus, 1998, p. 167.

⁴ Para um estudo acerca da história da tradição confira Odete Mainville, *A Bíblia à luz da história: guia de exegese histórico-crítica*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 111-127.

⁵ Richard J. Clifford, Use of *Hôy* in the Prophets, em *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, Catholic Biblical Association of America, vol. 28, n. 4, 1996, p. 458. Veja Também Claus Westermann, *Basic Forms of Prophetic Speech*, Cambridge/Louisville, The Lutterworth Press/John Knox Press, 1991, p. 191.

não idênticos; todavia, James G. Williams⁶ destaca três características que os distinguem.

Em primeiro lugar, *hôy* quase nunca leva preposição em sua conexão com o substantivo seguinte, ao passo que *'ôy* é quase sempre seguido pela preposição *lamed*.⁷ Da observação desse fenômeno linguístico deduziu-se que em sua origem *hôy* é uma interjeição, enquanto que *'ôy* não o é. Ou melhor, *hôy* é uma verdadeira interjeição, visto que não está formalmente relacionado gramaticalmente com o objeto da sentença, ao passo que *'ôy* está frequentemente relacionado a este último por meio do *lamed*.

Em segundo lugar, há uma diferença marcante entre os dois termos. Em algumas passagens o *hôy* está relacionado com um grito de lamentação para um morto, enquanto que *'ôy* nunca é utilizado com tal propósito.

Finalmente, uma característica notável do uso das duas expressões é que o *lamed* que segue o *'ôy* é frequentemente governado por um pronome na primeira pessoa do singular ou plural, ao passo que *hôy* nunca está conectado a um pronome pessoal e sempre apresenta uma declaração “impessoal”. Diante disso, a hipótese de que, no período hebraico clássico, as duas interjeições não eram usadas de maneira intercambiáveis ganha força. Sendo assim, é possível afirmar que *hôy*, em sua forma e uso estabelecidos, distingue-se de *'ôy*, embora ambos possam se sobrepor ocasionalmente em uso e significado.

Westermann propõe que a fórmula “ai” derivou das maldições, tais como aquelas apresentadas no capítulo 27 de Deuteronômio.⁸ No entanto, tal proposta foi contestada por Erhard Gerstenberger⁹. Para este, a fórmula da maldição estava vinculada com a esfera cúlrica e a lei, com as quais os profetas clássicos pré-exílicos

⁶ James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, em *Hebrew Union College Annual*, Cincinnati/Ohio, Hebrew Union College/Jewish Institute of Religion, n. 38, 1967, p. 82.

⁷ Existem, pelo menos, seis exceções à regra. Quatro se encontram em Ezequiel (*'ôy*, 24,6.9; *hôy*, 13,3.18), uma em Jeremias (*hôy*, 50,27) e uma em Números (*'ôy*, 24,23). Assim, cinco dessas exceções são datadas do período exílico e pós-exílico.

⁸ Claus Westermann, *Basic Forms of Prophetic Speech*, p. 193-194.

⁹ Erhard Gerstenberger, *The Woe-Oracles of the Prophets*, em *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 81, n. 3 S, 1962, p. 250.

pouco se familiarizaram. James G. Williams, assim como Gerstenberger, assevera que os referidos profetas se situavam socialmente fora do ambiente cúltico.¹⁰

As fórmulas $q^{\prime}lālā(h)$, “maldição”, e $b^{\prime}rākā(h)$, “benção”, estavam fortemente vinculadas aos pronunciamentos oficiais ou de autoridades que se encontravam em posição de superioridade, tais como sacerdotes, legisladores ou assembleias de anciãos e juízes.¹¹

Por isso, Erhard Gerstenberger se distancia da ideia de que a forma “ai” originou-se das maldições. Seguindo o mesmo ponto de vista, James G. Williams faz o seguinte comentário:

Nenhum dos profetas do período pré-exílico proferiu o que poderia ser propriamente chamado de uma maldição. Podemos encontrar referências à maldição no período pós-exílico, por exemplo, no livro de Malaquias (cf 2,2; 3,9).¹²

De acordo com Gerstenberger, a fórmula *hōy*, bem como a fórmula da benção e da maldição, originou-se no *ethos* popular, nos costumes tribais e nas leis não escritas, as quais foram organizadas e desenvolvidas nas reflexões dos sábios. As antigas normas éticas foram apropriadas pelos profetas e aplicadas a novas situações em nome de Javé, criando, assim, um vínculo entre a literatura sapiencial e diversos oráculos proféticos.¹³ Hans Walter Wolff também segue a hipótese de que a fórmula *hōy* deve ser localizada na sabedoria clânica.¹⁴

A aplicação da forma popular parece condizer com as características dos profetas literários e não literários na defesa da população camponesa. De acordo com James G. Williams¹⁵, os profetas não literários reprovavam a injustiça social, representando os direitos do povo contra a usurpação e a pretensão monárquica (2Sm 12; 1Rs 21; 2Rs 8,1-6).

¹⁰ James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, p. 84.

¹¹ Erhard Gerstenberger, *The Woe-Oracles of the Prophets*, p. 259-262.

¹² James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, p. 84 (tradução nossa).

¹³ Erhard Gerstenberger, *The Woe-Oracles of the Prophets*, p. 259ss.

¹⁴ Veja Hans Walter Wolff, *Joel and Amos: A Commentary on the Prophets Joel and Amos*, Philadelphia, Fortress Press, 1977, p. 242-245.

¹⁵ James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, p. 84-87.

Por sua vez, os profetas clássicos do oitavo século, com a exceção de Oseias, tinham pouco a dizer contra a monarquia; no entanto, mantinham oposição ferrenha contra o roubo de terras e outros delitos praticados. A mensagem profética parece carregar em seu bojo o conceito da política e da economia tribal antigas, em que a participação na decisão governamental era estendida ao povo, e a distribuição da propriedade, mais igualitária.

Williams adere à proposta de Gerstenberger com alguma reserva, porquanto compreende que existe um equívoco no discernimento da natureza radical da mensagem profética. Em sua análise, o autor atribui dois significados ao termo *radical*. O primeiro vem atrelado a uma posição extrema ou reação. O segundo, ao retorno à raiz de alguma coisa, uma reversão às origens. O segundo sentido parece ter sido aquele utilizado por Gerstenberger para interpretar a radicalização da mensagem profética.

Williams, no entanto, admite que os profetas clássicos eram radicais em outro sentido. Eles se apropriavam do que estava implícito na tradição popular, especialmente a tradição empregada pelos profetas não literários, e radicalizava-o no sentido de explicitar suas consequências lógicas. Para aclarar sua ideia, propõe o seguinte exemplo:

Podíamos explicá-la dessa maneira: visto que a preocupação básica dos profetas não literários, para o reino de Jeú, era estabelecer a adoração de Javé, o reconhecimento de que ele era o único deus de Israel, a preocupação primária dos profetas literários era interpretar essa adoração ou reconhecimento de Javé em termos de conduta ética, ou a maneira como alguém trata os membros da aliança.¹⁶

Os profetas clássicos tomaram como ponto de partida as tradições e as regras éticas, porém, fizeram-no com o objetivo de radicalizá-las.

Como Williams, presumimos que o ponto central da proposta de Gerstenberger em relação à origem do oráculo “ai” na vida do povo deve ser mantido. Todavia, uma ressalva necessária é a ênfase na importância de sua relação com a lamentação.

¹⁶ James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, p. 85 (tradução nossa).

Foi no antigo ritual de lamentação por um morto que a palavra *hôy* encontrou sua principal aplicação, a que deu origem a sua utilização na profecia. Os profetas provavelmente se apropriaram do antigo costume de lamentação e o radicalizaram.¹⁷ Williams faz a seguinte declaração a esse respeito:

Eu não estou dizendo que a qualidade de uma maldição imposta por causa da quebra da aliança não é uma hipótese que repousa por trás desses oráculos; certamente há também alguma relação com o desenvolvimento da sabedoria do *ethos* popular. Meu ponto principal é que aqueles a quem os profetas pregaram, quando ouviram a exclamação inicial *hôy*, teriam imediatamente associado isso mental e emocionalmente a uma lamentação fúnebre. A associação do *hôy* com a lamentação teria sido especialmente surpreendente para os ouvintes, pois teria trazido o pronunciamento da morte de Israel.¹⁸

Dessa forma, tal como Williams, presumimos que a interjeição *hôy* esteja relacionada especialmente com ocasiões de lamentação fúnebre, em vez de maldição cúltica (Westermann) ou sabedoria clânica (Gerstenberg e Wolff).¹⁹

A segunda fórmula encontra-se logo depois da conjunção לָכֵן *lākēn* “portanto”, que marca a introdução do castigo profético no v. 3. Trata-se da expressão כָּה־אָמַר יְהוָה *kōh ’āmar yehwāh* “assim disse Javé”, também conhecida como fórmula do mensageiro. Essa fórmula dá autoridade à mensagem e será repetida pelo mensageiro diante do destinatário, correspondendo, portanto, à assinatura em nossas cartas.

¹⁷ Katharine Dell, *The Misuse of Forms in Amos*, em *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill Academic Publishers, vol. 45, n. 1, 1995, p. 57. Veja também Gunter H. Wittenberger, *Amos 6:1-7: They Dismiss the Day of Disaster but You Bring Near the Rule of Violence*, em: *Journal of Theology for Southern Africa*, Cape Town, *Journal of Theology for Southern Africa*, vol. 58, 1987, p. 59 e Alzir Sales Coimbra, *Debate em torno da redação e composição do livro de Amós: propostas fundamentais para a teoria da criação coletiva a partir de Amós 6,1-14*, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2007, p. 252-260, p. 260 (tese de doutorado).

¹⁸ James G. Williams, *The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets*, p. 86 (tradução nossa).

¹⁹ George W. Ramsey, *Speech-Forms in Hebrew Law and Prophetic Oracles*, em *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 96, n. 1, 1977, p. 55. Veja também James G. Williams, *Irony and Lament: Clues to Prophetic Consciousness*, em *Semeia*, Atlanta, Society of Biblical Literature, n. 8, p. 54.

Sua origem remonta a um tempo anterior à invenção da escrita, quando a mensagem oral possuía um papel fundamental. Um tempo em que a transmissão de um dito enviado a um lugar distante estava condicionada exclusivamente à repetição oral pelo mensageiro. Este apresentava a mensagem que lhe fora confiada começando pelo uso da fórmula do mensageiro, a qual legitimava o dito como sendo da pessoa que o enviara. A tradição profética apropriou-se dessa fórmula e a aplicou a seus ditos. O profeta se via como mensageiro de Javé, e era visto como tal por aqueles a quem este enviava sua mensagem.²⁰

No v. 4, a fórmula de abertura בַּיּוֹם הַהוּא *bayyôm hahû* “naquele dia”, por apresentar um teor apocalíptico, refere-se a um “tempo de desgraça”. Tal expressão foi acrescentada e aplicada a um novo contexto pelos intérpretes que viveram num período posterior ao de Miqueias, provavelmente na época babilônica.

Logo em seguida destaca-se a fórmula מִשָּׂאֵל *māšāl*, cuja definição abrange uma ampla escala de significados, de provérbio didático a canção de zombaria, ou até mesmo lamento por um desastre. A definição mais coerente com nosso texto seria “canção de zombaria” (cf. Hab 2,6; Is 14,4).²¹ A canção de zombaria, atrelada à fórmula הִנָּחָה *nāhā(h)*, “lamentação”, evoca uma lamentação de rebaixamento. A convergência entre a zombaria e a lamentação manifesta o teor irônico do castigo profético.²² A sátira e a ironia caleidoscópica é uma constante nos livros proféticos.²³

O profeta não estava preocupado primordialmente em escrever registros de eventos históricos ou escatológicos, ou ainda apresentar uma sistematização de sua teologia. Antes, era um pregador e arauto das palavras de Javé. Por isso, seus ditos eram incomparáveis em alcance visionário, discernimento moral e impacto imaginativo. Para alcançar seus objetivos, o profeta utilizava diversas estratégias retóricas, ciente do efeito

²⁰ Claus Westermann, *Basic Forms of Prophetic Speech*, p. 100-115.

²¹ Hans Walter Wolff, *Micah: A Commentary*, Minneapolis, Augsburg, 1990, p. 79. Assim como o verbete מִשָּׂאֵל em Ludwig Koehler e Walter Baumgartener, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, CD-ROM Edition, Leiden, Koninklijke Brill NV, 1994-2000, p. 648.

²² Noli Bernardo Hahn, *Miqueias 2,1-5: profecia e luta pela terra – uma leitura da influência da situação histórico-social nas últimas décadas do século VIII a.C., em Judá na vida da antiga ordem tribal*, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1992, p. 30.

²³ Veja R. P. Carroll, “Is Humour also Among the Prophets?”, em *On Humour and the Comic in the Hebrew Bible*, Sheffield, Almond Press, vol. 92, 1990, p. 169-191. Também James G. Williams, *Irony and Lament: Clues to Prophetic Consciousness*, 1977.

que suas palavras teriam em sua audiência imediata.²⁴ A sátira foi uma das estratégias retóricas utilizada pelo profeta no texto de Miqueias. No castigo, o profeta combina a pungência da sátira com o lamento. Há um forte sentido de ridicularização e vergonha nas palavras do lamento.

Existem várias definições do termo sátira que, em alguns casos, se contradizem. O coração do problema é que a sátira não é um gênero; antes, é uma técnica retórica. Alguns críticos literários duvidam que se possa alcançar uma definição exata para o termo *sátira*. No entanto, certos elementos básicos podem contribuir para algo no mínimo parecido com uma definição. D. Fishelov percebeu dois princípios organizadores que parecem governar a sátira profética. No nível semântico, o profeta organiza o ataque satírico de acordo com o princípio de uma reversão intensificada.

O profeta conta uma pequena história, em cuja estrutura existe um movimento: de um estado de sucesso para um estado de colossal fracasso ou queda – uma queda descrita de forma intensa e severa.

No nível retórico, o profeta adota o ponto de vista dos destinatários da sátira. Ele não conta simplesmente uma história sobre os pecadores, como também a destina aos próprios pecadores. Para tanto, faz uso frequente do ponto de vista do destinatário, pela citação direta e indireta dos pensamentos ou discursos desses últimos.²⁵

Segundo Reed Lessing, o termo sátira tem sua origem na literatura clássica romana. Embora não se encontre na literatura hebraica, são incontáveis os exemplos de palavras associadas com a ideia de sátira. Entre eles destaca-se a expressão hebraica מַשְׁאֵל *māšāl*. A sátira, em suas diferentes formas, representa uma expressão verbal de insulto e zombaria, uma espécie de ridicularização que envergonha e se satisfaz com o poder da humilhação. A sátira profética apresenta um tom crítico e castigador. Suas características como fenômeno literário já ocorriam na Bíblia centenas de anos antes que a sátira fosse articulada no mundo clássico.²⁶

²⁴ John Barton, “Ethics in Isaiah in Jerusalem”, em *This Place is To Small for Us*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1995, p. 94.

²⁵ David Fishelov, “The Prophet as Satirist”, em *Prooftexts*, Bloomington, Indiana University Press, vol. 9, n. 3 S, 1989, p. 196-198.

²⁶ Reed Lessing, Satire in Isaiah’s Tyre Oracle, em *Journal for the Study of the Old Testament*, London, Sage Publication, vol. 28, n. 1, 2003, p. 89-93.

Noli Bernardo situa a origem da sátira numa forma popular de resistência contra o sujeito da opressão. Segundo o autor, o sarcasmo era a única reação que restava ao indefeso. Ademais, o autor acrescenta que o termo נָחַח *nāhā(h)*, “lamentação”, está ligado a uma situação de desespero, de devastação, conforme Jr 9,9.17-19, Am 5,16 e Ez 32,17-18. E sua origem se localiza em situações de desgraças provocadas; quem as sofre, lamenta a desgraça, a devastação.²⁷ Gráfica e provocadoramente, a נָחַח *nāhā(h)* “lamentação” retrata diante do espectador uma imagem de destruição movida por uma ação implacável, sendo assim resposta à realidade social de ruína e abandono.²⁸

O rito da lamentação no antigo Oriente Próximo consistia de choro em alta voz (habitualmente auxiliado por uma carpideira), bem como de rasgar das vestes e vestir-se de pano de saco, sentar-se ou deitar-se no pó, ferir o corpo, espalhar pó sobre a cabeça, jejuar e abster-se de unção com óleo.²⁹

Conclusão

Em resumo, a perícopes de Miqueias 2,1-5 é caracterizada pela presença de quatro fórmulas, a saber, as expressões “ai”, “assim disse Javé”, “canção de zombaria” e “lamentação”. A mensagem profética de Miqueias 2,1-5 funde essas fórmulas provenientes de diferentes ambientes e as aplica a um novo contexto, fazendo com que sua mensagem seja adaptada a uma nova situação de vida. Dessa forma, a palavra do profeta manifesta a amplitude, a adaptabilidade e a força da linguagem profética. Miqueias foi capaz de fundir diversas fórmulas a fim de proclamar sua mensagem de maneira apropriada, de modo que não pudesse ser ignorada.³⁰

²⁷ Noli Bernardo Hahn, *Miqueias 2,1-5: profecia e luta pela terra – uma leitura da influência da situação histórico-social nas últimas décadas do século VIII a.C., em Judá na vida da antiga ordem tribal*, p. 30.

²⁸ Benjamim Morse, *The Lamentations Project: Biblical Mourning Through Modern Montage*, em *Journal for the Study of the Old Testament*, London, Sage Publication, vol. 28, n. 1, 2003, p. 115, 121.

²⁹ Xuan Huong Thi Pham, *Mourning in the Ancient Near East and Hebrew Bible*, em *Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series*, 302, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1999, p. 23.

³⁰ Hans Walter Wolff, *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*, São Paulo, São Paulo, Edições Teológica, 2003, p. 95-98.

Referências Bibliográficas

BARTON, John, “Ethics in Isaiah in Jerusalem”, em *This Place is To Small for Us*, Winona Lake, Einsenbrauns, 1995.

CARROLL, Robert P., “Is Humour also Among the Prophets?”, em *On Humour and the Comic in the Hebrew Bible*, Sheffield, Almond Press, vol. 92, 1990.

CLIFFORD, Richard J., Use of Hôy in the Prophets, em *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, Catholic Biblical Association of America, vol. 28, n. 4 O, 1996.

COIMBRA, Alzir Sales, *Debate em torno da redação e composição do livro de Amós: propostas fundamentais para a teoria da criação coletiva a partir de Amós 6,1-14*, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2007 (tese de doutorado).

DELL, Katharine, The Misuse of Forms in Amos, em *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill Academic Publishers, vol. 45, n. 1, 1995.

FISHELOV, David, “The Prophet as Satirist”, em *Prooftexts*, Bloomington, Indiana University Press, vol. 9, n. 3 S, 1989.

GERSTENBERGER, Erhard, The Woe-Oracles of the Prophets, em *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 81, n. 3 S, 1962.

HAHN, Noli Bernardo, *Miqueias 2.1-5: profecia e luta pela terra – uma leitura da influência da situação histórico-social nas últimas décadas do século VIII a.C., em Judá na vida da antiga ordem tribal*, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1992 (dissertação de mestrado).

KOEHLER, Ludwig e BAUMGARTNER, Walter, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, CD-ROM Edition, Leiden, Koninklijke Brill NV, 1994-2000.

LESSING, Reed, Satire in Isaiah’s Tyre Oracle, em *Journal for the Study of the Old Testament*, London, Sage Publication, vol. 28, n. 1, 2003.

MAINVILLE, Odete, *A Bíblia à luz da história: guia de exegese histórico-crítica*, São Paulo, Paulinas, 1999.

MORSE, Benjamim, The Lamentations Project: Biblical Mourning Through Modern Montage, em *Journal for the Study of the Old Testament*, London, Sage Publication, vol. 28, n. 1, 2003.

PHAM, Xuan Huong Thi, Mourning in the Ancient Near East and Hebrew Bible, em *Journal for the Study of Old Testament Supplement Series*, 302, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1999.

RAMSEY, George W., Speech-Forms in Hebrew Law and Prophetic Oracles, em *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 96, n. 1, 1977.

STUART, Douglas, Old Testament Exegesis: A Handbook for Students and Pastors, Louisville, Westminster John Knox Press, 2009.

WEGNER, Uwe, *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*, São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulus, 1998.

WESTERMANN, Claus, *Basic Forms of Prophetic Speech*, Cambridge/Louisville, The Lutterworth Press/John Knox Press, 1991.

WILLIAMS James G., Irony and Lament: Clues to Prophetic Consciousness, em *Semeia*, Atlanta, Society of Biblical Literature, n. 8, 1977.

WILLIAMS, James G., The Alas-Oracles of the Eighth Century Prophets, em *Hebrew Union College Annual*, Cincinnati/Ohio, Hebrew Union College/Jewish Institute of Religion, n. 38, 1967.

WITTENBERGER, Gunter H., Amos 6:1-7: “They Dismiss the Day of Disaster but You Bring Near the Rule of Violence”, em: *Journal of Theology for Southern Africa*, Cape Town, Journal of Theology for Southern Africa, vol. 58, 1987.

WOLFF, Hans Walter, *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*, São Paulo, São Paulo, Edições Teológica, 2003.

WOLFF, Hans Walter, *Joel and Amos: A Commentary on the Prophets Joel and Amos*, Philadelphia, Fortress Press, 1977.

WOLFF, Hans Walter, *Micah: A Commentary*, Minneapolis, Augsburg, 1990.